

NOTAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA: EXPERIÊNCIAS DOS ACADÊMICOS DE GEOGRAFIA NA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS (IESOL -UEPG)

GT 7: Economia solidária e sustentabilidades

Tipo de trabalho: Relato de Experiência

MIRANDA, Everton¹

ROSA, Hallison Fernando²

NEVES, Jessica Gislaine das³

SILVA, Marcia Alves Soares da⁴

Resumo: A atividade de extensão é um importante processo na formação dos acadêmicos, pois é nela em que o indivíduo é oportunizado a compor a conexão da universidade e comunidade, da teoria e prática, do conhecimento acadêmico e o conhecimento popular. No que concerne a isto, a Incubadora de Empreendimentos Solidários - IESol é um programa de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que procura promover o ensino, a pesquisa e a extensão, cumprindo assim seu papel de programa extensionista. A IESol teve início em 2005 e é composta por professores, técnicos e acadêmicos de diversos cursos da universidade, consolidando uma equipe multidisciplinar e interdisciplinar. Os professores e estudantes de Geografia compõem parcela significativa dos membros da Incubadora desde sua formação, até os dias atuais. Nesse sentido, este trabalho se propõe a apresentar experiências e possíveis atuações do geógrafo no âmbito da Economia Solidária - ECOSOL, que é a proposta do programa de extensão referido.

Palavras-chave: Economia Solidária. Geografia. Extensão.

Introdução

O olhar interdisciplinar é um aspecto importante (e requerido) para bons profissionais na atualidade. Essa dita interdisciplinaridade não significa que o profissional terá que dominar todas as áreas da ciência e todos os saberes, muito menos, que o mesmo possuirá apenas um conhecimento superficial e simplório sobre tudo, mas sim, que trabalhará seu objeto de estudo a partir do entendimento do contexto, das inter relações, conforme argumenta Freire (1975, p. 34) “a percepção parcializada da realidade rouba ao homem a possibilidade de uma ação autêntica sobre ela.” Assim sendo, a interdisciplinaridade profissional, de certa forma, exige reflexão, dialética, articulação e aprofundamento de temas.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG; voluntário na IESol; miranda13em@gmail.com

² Graduando em Licenciatura em Geografia na UEPG; Extensionista bolsista na IESol; hallison.fernando@gmail.com

³ Graduanda em Bacharelado em Geografia na UEPG; Extensionista bolsista na IESol; jegislaineneves@gmail.com

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG; Técnica em Economia Solidária na IESol; marcia.alves.geo@gmail.com

* Pesquisa/extensão financiada com recursos do Projeto MCTI-SECIS/MTE-SENAES/CNPq

Nesse sentido, a Geografia abarca um currículo que merece destaque, pois tem um campo de pesquisa e atuação muito amplo e diversificado. Da geologia ao estudo de gênero, da pré-história à contemporaneidade, de um recorte regional ao global, a Geografia procura estudar o espaço (real e/ou abstrato) e as relações e acontecimentos no espaço (recorte espacial) em um determinado tempo.

Assim, a atuação do geógrafo é múltipla, o que interessa para a Economia Solidária (ECOSOL), já que as experiências no Brasil seguindo os princípios da ECOSOL são várias: reciclagem, cultura criativa, agroecologia, saber popular, artesanato, entre outros. Além disso, a ECOSOL é uma proposta que vai além da questão de geração de trabalho e renda, pois mostra-se como uma nova visão social que tem como ponto central a valorização do ser humano, em suas múltiplas dimensões.

Assim, esta pesquisa se propõe a discutir a relação entre Economia Solidária e Geografia, bem como a possibilidade de atuação dos geógrafos, dentro dessa proposta de alternativa econômica, social, política e cultural, tendo com pano de fundo as experiências de geógrafos no contexto da Incubadora de Empreendimentos Solidários. Apresentaremos os trabalhos já realizados por geógrafos na Incubadora, bem como as possibilidades recentes de atuação na IESol, especialmente nas áreas rurais da região dos Campos Gerais, bem como de reciclagem.

1 - Formação e possibilidades de atuação do geógrafo

Na Economia Solidária, múltiplas são as possibilidades de atuação do geógrafo, principalmente pela ampla formação que este profissional possui. Na Economia Solidária, sua participação também é ampla, contudo pode ser mais significativa sua atuação a partir do viés da Geografia Econômica:, bem como na discussão sobre gênero, cultura, sustentabilidade, território, redes, desenvolvimento territorial. Aliando economia e desenvolvimento, buscando refletir sobre as realidades locais, a ECOSOL propicia um debate relevante sobre temas que interessam à Geografia.

Filho e Cunha (2015) afirmam que não se pode pensar a ECOSOL apenas a partir da produção, mas também deve-se olhar a contextualidade e a territorialidade que a envolve. Para os autores, a definição de uma concepção de desenvolvimento territorial, passa pela compreensão de como se define um território, sendo necessário investigar as relações entre pessoas e a interação dessas com a área que ocupam, através do trabalho, modificando e retraindo o espaço social. São ações que vão além da simples transformação do que se chama de espaço econômico.

A partir de uma análise do espaço geográfico que privilegia o território, o desenvolvimento e as relações sociais imbricadas neste espaço é que a atuação do geógrafo é pertinente, porque é própria da sua formação a visão holística do mundo.

1.1 - O olhar da educação da Geografia na Economia Solidária

Compreender a economia solidária é repensar o “viver” e o “agir” de cada indivíduo. A educação da Geografia dentro da IESol ainda mostra-se bastante tímida, considerando a visão do geógrafo enquanto profissional voltado apenas a questões de espaço, mapas, cidades, entre outras definições básicas. Entretanto, devemos relevar que o educador de Geografia é aquele profissional capaz de compreender todas as relações que envolvem o universo, o imaterial e os seres vivos.

Diante disso, ressalta-se a importância da educação da Geografia, não somente para incubadora, mas também para a Ecosol. Nota-se a similaridade dos princípios da Ecosol com os que envolvem a ciência geográfica. O “olhar solidário” também é praticado pelo educador, compreendendo a realidade de um espaço para transformar conteúdos aos demais indivíduos, para que uma linguagem clara e prática seja utilizada.

Um exemplo foi o trabalho realizado em 2015 por uma equipe da IESol no Centro de Referência da Assistência Social - Unidade Jardim Carvalho em Ponta Grossa/PR, onde foram desenvolvidas oficinas de reciclagem e sustentabilidade, contando com a participação de dois estagiários de Geografia, os quais realizaram as atividades em contato com a comunidade presente. Aqui é ressaltado o diferencial do educador: é necessário ter cautela com as abordagens, compreendendo que os indivíduos presentes podem não estar familiarizados com os temas, talvez completamente leigos às questões ou terem conhecimento popular, sem considerações científicas e/ou técnicas. O educador atenta-se à realidade presente, aproximando a comunidade daquilo que não lhe envolveu antes.

Por conseguinte, não cabe ao educador apenas transmitir o conhecimento aos demais, ou remeter ao profissional educador àquela conotação tradicional e conservadora de único sábio e capaz de levar o conhecimento. Como considera Trindade (2000, p. 15), é importante:

Uma prática docente que valorize uma aprendizagem que nos promova por inteiro e que seja coletivamente insurgente. Coletiva porque não isolada, mas que mantenha com outros um diálogo, compartilhando as angústias, os erros, os acertos, as construções, as teorizações e reflexões, os sonhos.

Assim, verificamos no papel do educador um ser humano passível de erros, humanizado, solidário e coletivo. Sua importância na incubadora não deve ser vista apenas para estar à frente de

atividades organizativas, de ministrar oficinas/palestras ou atividades de cunho pedagógico, mas também como um indivíduo capaz de vivenciar os variados processos do dia a dia, respeitando os demais indivíduos, bem como compreendendo situações de conflitos e refletindo-as para considerá-las posteriormente como fatores essenciais na construção da coletividade.

1.2 - Possibilidades de atuação de bacharéis em Geografia

Além das abordagens que se referem à educação e processos socioeducativos (potencialidades do geógrafo enquanto licenciado), o geógrafo bacharel encontra na economia solidária um campo de diversas opções de atuações, sejam em enfoques de cunho mais físicos ou humanos, conforme a regulamentação da profissão na Lei 6.664 (BRASIL, 1979), na qual o geógrafo é designado como capaz de fazer “reconhecimentos, levantamentos, estudos e pesquisas de caráter físico-geográfico, biogeográfico, antropogeográfico e geoeconômico e as realizadas nos campos gerais e especiais da Geografia”.

O desempenho mais técnico, ainda que pouco, tem aparecido nas práticas do geógrafo na economia solidária, através de mapeamentos cartográficos, exercícios estatísticos, questões territoriais, desenvolvimento territorial, entre outros.

Comumentemente, a maior proximidade da Geografia à ECOSOL tem se referido as ciências sociais, políticas, culturais e econômicas. Uma das razões dessa aproximação é o materialismo histórico dialético, que é uma das correntes de pensamento da geografia, bem como, arcabouço da economia solidária - ambas atuantes críticas do sistema capitalista. Nesse sentido, a Economia solidária e a geografia (corrente marxista) estão interligadas pela busca de um outro modo de produção, de reprodução, de trabalho e de vida. Assim, propostas cooperativas, de valorização do ser humano, do bem viver, da autogestão, são propostas da economia solidária que também interessam e compreendem a Geografia.

2 - Economia Solidária e Geografia: uma geografia da solidariedade?

A partir dos debates realizados anteriormente, foi sentida a necessidade de levantar a discussão e contribuição da geografia acerca de cultura e economia solidária, visto que esta ciência é a formação de ambos os autores. A indagação surgiu de como pensar a contribuição teórica-conceitual que a geografia poderia oferecer, enquanto ciência, acerca da temática “cultura solidária” tão cara ao movimento da ecosol.

Conforme Serpa (2008), mostra-se pertinente na Geografia, pesquisas que priorizem experiências de autonomia ou de solidariedade, que atentem ao fazer e agir solidários e aos desdobramentos futuros. Para tal, é importante estar atento as trajetórias culturais dos grupos que produzem e reproduzem ideias de cultura alternativas à cultura dominante. A ideia de tal procedimento é sonhar e imaginar um mundo que vá além de cenários geométricos, mas leve em consideração os espaços vividos e o cotidiano das pessoas, e a inovação que modificam estes espaços, além dos resultados dessas novas formas de expressão cultural de oposição. Tal análise é um desafio, visto que privilegia a subjetividade presente nos espaços geográficos, onde a geografia deve explorar esta perspectiva qualitativa como forma de conhecimento.

Sobre isto, Oliveira (2006, p. 29) afirma que “uma nuvem de insensibilidade tolda a percepção quando interesses econômicos se põem em evidência. O drama humano nada parece significativo. Ao invés, assistimos à extinção de conhecimentos e sabedorias semeados por muitos anos, séculos até, tornando inúteis antigas habilidades”.

Alves e Alves (s/d) acreditam que:

É bastante oportuno ao geógrafo nos dias de hoje refletir sobre o seu papel na sociedade enquanto agente de promoção da solidariedade. O lugar é uma categoria de análise que dá sentido prático ao papel do geógrafo. Por meio do estudo do lugar, das relações que operam no seu interior e das relações do lugar com os outros lugares é que o geógrafo pode efetivamente contribuir para uma transformação qualitativa na sociedade contemporânea, rumo à construção de uma cidadania plena.

Neste sentido, no trabalho da Economia Solidária, o geógrafo pode privilegiar o lugar, isto é, a realidade próxima dos envolvidos, no intuito de modificar este contexto, possibilitando a inclusão social, a participação popular e autogestionário. Na Geografia, o conceito de lugar privilegia a subjetividade, vivências e experiências dos sujeitos, o que vai de encontro com a proposta da ECOSOL, que tem a valorização do ser humano como central em suas ações.

3 - Alguns relatos sobre as experiências dos acadêmicos de Geografia na IESol - UEPG

Percebe-se que a Geografia tem muito a contribuir com a Economia Solidária, desde questões teóricas até práticas. Godoy (2011, p.9) comenta que “analisar trabalhos geográficos a respeito da Economia Solidária situam-se no debate do desenvolvimento local, através da análise de estudo de caso, localizados e focalizados”. Contudo, a bagagem da Geografia vai além de debates sobre desenvolvimento locais dentro da Economia Solidária, como podem ser observados nos trabalhos que iremos enfocar adiante, com questões profundamente teóricas, metodológicas e novas questões teórico-metodológicas.

Destarte, temos que entender que a análise da Economia Solidária no âmbito da Geografia, enfoca estudar as dinâmicas das políticas públicas do e de Estado por meio do território e do lugar, vislumbrando as particularidades e as universalidades (GODOY, 2011).

Portanto, ao se pensar a relação entre Geografia e Economia Solidária temos que entender que a “economia solidária é um movimento social que agrega as propostas civilizacionais de construção de uma nova plataforma cognitiva organizadora de uma nova estrutura social, um novo modelo de desenvolvimento sustentável socioeconômico, político, ecológico e sociocultural” (SILVA, 2014, p.8).

Levando em frente o exposto acima, apresentaremos alguns trabalhos realizados por geógrafos na IESol e que esboçam esta relação entre Geografia e Economia Solidária, considerando suas peculiaridades teóricas e metodológicas. Várias discussões foram e ainda estão sendo realizadas na Incubadora, aliando as teorias da Geografia e da Economia Solidária, tais como: cultura solidária, território, relação campo-cidade, rede solidária e desenvolvimento territorial.

Os trabalhos, embora debatam temas distintos, se articulam entre si, de forma direta ou indireta. No trabalho **“O novo nasce do velho: cultura e economia solidária”** os autores esboçam a cultura solidária como um aspecto fundamental da economia solidária, articulando-a em uma relação de cultura-economia solidária-autogestão. Colocam que a Economia Solidária representa o desejo e a ação de pessoas que se unem para resolver questões locais e pontuais, visando uma mudança cultural.

Os autores explanam sobre a cultura numa visão antropológica e sociológica, em que, a cultura tem um caráter dinâmico, pluri-subversivo e altamente mutável; e depende de um aprendizado (educação) - a endoculturação - herança de um longo processo de acumulação dos saberes e experiências. Desta maneira, os autores abordam a articulação entre cultura e economia solidária, onde a solidariedade é o ponto chave para a construção de uma cultura solidária. Contudo, colocam uma ambivalência entre solidariedade e autogestão compondo um elo de sinergia e simbiose para o entender do que seja uma cultura solidária.

Alegam que o motivo inicial ou principal de adesão dos trabalhadores à Economia Solidária não seja a vontade de vivenciar uma nova cultura e uma nova forma de vida. Mas, que ao longo da vivência no empreendimento econômico solidário e nas instâncias do movimento da Economia Solidária este se transforme em um desejo adquirido a partir de então. No entanto, é dentro da cultura solidária que novas culturas são vivenciadas, gestadas e experimentadas.

No trabalho **“Diagnóstico Rural Participativo como ferramenta norteadora para o plano de intervenção na comunidade do Pré-assentamento Emiliano Zapata-Ponta Grossa-PR”**, os autores se utilizam do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) (VERDEJO, 2006)

para entender a organização socioespacial da comunidade do pré-assentamento Emiliano Zapata. De maneira a permitir que seus sujeitos viventes tem-se uma ideia do processo de construção do projeto coletivo sustentado no desenvolvimento territorial rural, respaldando-se na Economia Solidária (SINGER, 2002)⁵.

A utilizam do DRP para as questões territoriais e de desenvolvimento territorial, os autores aplicaram as seguintes ferramentas: mapa participativo, diagrama de venn, matriz de atividades e produtos, matriz de comercialização, matriz de prioridade de problemas e matriz de organização comunitária. Destarte, os autores abordam que, depois da aplicação do DRP e da análise de seus resultados calcados em questões teórico-metodológicas de Geografia, buscou-se construir um projeto de extensão pela Incubadora de Empreendimentos Solidários onde pudesse intervir na comunidade, buscando o desenvolvimento territorial rural por meio do trabalho coletivo, incentivando e construindo saberes ecológicos, ou seja, arquitetados em um modelo alternativo de agricultura, que respeite as dinâmicas do espaço rural, ambiental e social.

Nesta linha da questão territorial, o trabalho “**A geo-carto-grafia do território do Assentamento Três Lagoas-Castro-PR**”, tem seu escopo em compreender a relação dos sujeitos com o território articulando a relação entre o território, identidade e representação do espaço. Para isto, utilizou-se o DRP (VERDEJO, 2006)⁶ pautado nas ferramentas - mapa social e matriz de organização comunitária. Também se ancoraram na concepção de território de Haesbaert (2007)⁷ e Aresi (2008)⁸, a concepção de identidade territorial de Haesbaert (1999)⁹, além da discussão de mapa social proposta por Kozel (2013)¹⁰.

Alegam que tal diagnóstico se mostrou uma importante ferramenta para entender as relações dos moradores com o território, especialmente as de cunho simbólico e afetivo, bem como das territorialidades tecidas a partir das vivências e experiências dos sujeitos. Observou-se que o

⁵ SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1 ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2002.

⁶ VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo**. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretária da Agricultura Familiar. Brasília, 2006.

⁷ HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério. (Orgs). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007, p.33-56.

⁸ ARESI, Cláudia. **O território como suporte identitário para a cultura kaingang**. *Revista Campo-Território*, v.3, n.5, p.264-279, 2008.

⁹ HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999. p.169-190.

¹⁰ KOZEL, Salete. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. *Geograficidade*, v.3, número especial, p.58-70, 2013.

território do assentamento Três Lagoas está constituído por laços de afetividades e solidariedades; e também constitui um território de luta e esperança através da relação entre os indivíduos e com o MST. E os autores perceberam que as territorialidades dos sujeitos viventes estão impregnadas de afetos, vivências, memórias e imagens. Assim, sua identidade territorial está carregada de sentimento e valor.

Articulando o território e o desenvolvimento territorial, o trabalho **“A experiência da Rede Solidária de Produtores e Consumidores de Produtos Agroecológicos Emiliano Zapata - Ponta Grossa - PR: aproximando produtores e consumidores”**, visa esta questão. Os autores discorre sobre a Rede Solidária construída na cidade Ponta Grossa através da relação agroecologia-economia solidária-circuitos curtos de comercialização. Sua base teórica e metodológica se firma na concepção de agroecologia (CAPORAL et al, 2006)¹¹, na relação entre agroecologia e economia solidária (SCHMITT e TYGEL, 2009)¹², e também na concepção de circuitos curtos de comercialização (DALROT, 2013)¹³.

Os autores colocam que a rede surgiu com o objetivo de incentivar a agricultura familiar camponesa e a geração de renda através de produtos agroecológicos. Salientam que a Rede Solidária é e está formada com base em princípios da Economia Solidária e produção agroecológica buscando aproximar os produtores dos consumidores, incentivando os chamados circuitos curtos de comercialização, estabelecendo uma relação direta entre os consumidores e os produtores.

Argumentam que, após a consolidação de um número mínimo de consumidores fixos, a Rede passou a trabalhar com aquisições eventuais. Verificou-se que a aproximação fortalece a relação de confiança entre estes atores e proporcionam preços justos aos produtores. A Rede revela além de uma dimensão econômica, ligada à geração de renda, também uma dimensão política, a busca por uma alimentação mais saudável, e o incentivo à agricultura familiar camponesa.

O trabalho **“Economia Solidária para qual desenvolvimento territorial?”** discuti as possibilidades de integração da Economia Solidária em projetos de desenvolvimento local e regional recorrendo a concepção de desenvolvimento territorial. Se sustentando na concepção de

¹¹ CAPORAL, F. R. ; COSTABEER, J.A; PAULLUS, G. Agroecologia: Matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: TOMMASINO, H. y HEGEDÜS, P.. (Org.). **Extensión: reflexiones para la intervención en el medio urbano y rural**. Montevideo: Publicaciones Facultad Agronomía - URO de Uruguay, 2006, p. 45-63.

¹² SCHMITT, C.J.; TYGEL, D. Agroecologia e Economia Solidária: trajetórias, confluências e desafios. In: PETERSEN, P. **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 105-128.

¹³ DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. IN: NIEDERLE; P.A. ALMEIDA; L.; VEZZANI, F.M.. (Org.). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013, v. , p. 139-170.

Economia Solidária (GAIGER, 1996)¹⁴, na de desenvolvimento (MONTENEGRO GOMEZ, 2006)¹⁵, e na de território (SOUZA, 1995)¹⁶.

Os autores alegam que as relações possíveis entre desenvolvimento territorial e a Economia Solidária tem-se entrelaçado pela concepção de desenvolvimento e território. E que, a concepção de desenvolvimento territorial e a Economia Solidária não deixam de também buscarem uma percepção da realidade a partir de uma perspectiva de reunião de todas as dimensões que regem o ser humano.

Fugindo das questões territoriais, o trabalho **“A relação campo-cidade: o movimento migratório dos associados da Associação de Recicladores Rei do PET - suas origens e trajetórias”** discorre a relação campo-cidade como um fator importante para pensar o espaço da associação e como isto articula com a Economia Solidária.

Os autores alegam que esta relação influencia nos comportamentos das pessoas, pois, as ações de vida de uma pessoa são resultados de experiências vividas. Para entender esta complexidade, eles se apoiaram nas concepções de: área rural, área urbana, movimentos migratórios, êxodo rural e economia solidária. Desta maneira, proporcionou entender o perfil do grupo e o mundo vivido da associação, e também a avançar a Economia Solidária na própria associação.

Retornando a questão de cultura solidária, e este tema está entrelaçado em todos os trabalhos expostos acima, seja de forma mais direta ou indireta. O trabalho **“Economia Solidária e o desafio de uma mudança cultural em Empreendimentos Econômicos Solidários (EES)”** visa a importância da cultura solidária para se pensar em Economia Solidária, articulando tal concepção com a Geografia Cultural. A discussão busca a analisar a Economia Solidária mais do que uma alternativa econômica, mas principalmente como uma proposta de forma de vida pautada nos valores humanos, propondo-se a construir uma outra cultura: uma cultura solidária. Para tanto, é relevante despertar a sensibilidade solidária dos/as envolvidos/as e a identificação com a proposta, para a gestão do bem comum.

Considerações finais

¹⁴ GAIGER, L. **Empreendimentos solidários: uma alternativa para a economia popular**. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

¹⁵ MONTENEGRO GOMEZ, J. **Desenvolvimento em (des)construção: Narrativas escalares sobre desenvolvimento territorial rural**. Tese (Doutorado em Geografia).

¹⁶ SOUZA, M. L. **O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: ELIAS DE CASTRO, Iná, DA COSTA GOMES, Paulo Cesar, LOBATO CORRÊA, Roberto. (Org.) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.

A Geografia enquanto ciência ainda guarda concepções arraigadas ao senso comum, vista pela maioria da sociedade como uma ciência pouco notória frente às demais. Entretanto, a construção do papel da Geografia no mundo está em continuidade, ainda mais se observarmos o progresso da Economia Solidária. Ressalta-se o trabalho dos acadêmicos de Geografia como essencial na construção de uma Economia Solidária mais justa e diversa, além da construção de um novo caminho para esta ciência. Aqui se observa a multiplicidade de olhares dentro de uma incubadora, mas ressalta-se a Geografia enquanto acolhedora deste âmbito, considerando todos os conhecimentos como pertinentes ao trabalho solidário. Até porque os princípios desta equivalem-se à valorização do que pode ser compreendido pelo ser humano.

O trabalho do geógrafo dentro da IESol remonta à pluralidade de conhecimentos existentes, inserido em EES de trabalhos diversos, tanto no espaço urbano, quanto rural. Mais ainda, está marcado sobre funções que exercem o “pensar” e “agir” coletivos. É possível afirmar que a Geografia precisa da Economia Solidária para exercer suas múltiplas faces, assim como a Economia Solidária precisa daquela, para que abordagens educadoras e geográficas sejam utilizadas e se pratique o exercício da cumplicidade.

Entretanto, ainda é mínimo o espaço dado a esta atuação dentro da Incubadora. Faltam espaços de coletividade e de discussões de temas que envolvam a abordagem geográfica, como nos momentos de formação e nas reuniões com os EES, também devido à falta de tempo. Há ainda a ausência de maiores explorações das técnicas da Geografia para o trabalhos internos na Incubadora, bem como nos EES que a IESol atua.

E como pode-se observar neste pequeno recorte de trabalhos de geógrafos na IESol, a Geografia está entrelaçada com a Economia Solidária a partir de questões territoriais e de desenvolvimento territoriais, como já apontava Godoy (2011). Mas, também salientamos esta relação por outros viés, como a relação campo-cidade e a cultura solidária calçada em bases teórico-metodológico geográficas. Este leque de relação entre a Geografia e a Economia Solidária leva tempo para se estruturar, e precisa de novos olhares sobre as mesmas. O que queremos explicar aqui, é que a relação entre as duas é muita rica e precisa de aprofundamento teórico-metodológico e novas concepções.

Referências

ALVES, Márcia Brito; ALVES, Carley Rodrigues. **A reafirmação do lugar na geografia contemporânea a partir do conceito de solidariedade geográfica.** Disponível em

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/51.pdf>> Acesso 23 março 2015.

BRASIL. Lei nº 6.664, de 26 de junho de 1979. Estabelece Disciplina a profissão de Geógrafo e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 13 jan. 1986. Seção I, p. 9017

BRASIL, Manuela S.; FEDEL, André de S.; SAWCZYN, Sabrina G. O novo nasce do velho: cultura e economia solidária. In: **Anais do III CEPIAL**, Curitiba-PR, 2012, p.1-20.

CORREIA, Carla Caroline; PEREIRA, Luciane Gomes; FLORIANI, Nicolas; MICHELSKI, Alana; ROCHA FILHO, Alnary. Diagnóstico Rural Participativo como ferramenta norteadora para o plano de intervenção na comunidade do Pré-assentamento Emiliano Zapata - Ponta Grossa, PR. In: **Anais do 10º Conex - UEPG**, Ponta Grossa, 2012, p.1-4.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GODOY, Tatiane Marina Pinto de. Espaço e tempo na produção do conhecimento sobre a Economia Solidária. In: **Anais do XI CONLAB**, UFBA, Salvador-BA, 2011, p.1-16.

MIRANDA, Everton; SILVA, Marcia Alves Soares da; ROSAS, Celbo Antonio Ramos da Fonseca; CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. A geo-carto-grafia do território do Assentamento Três Lagoas - Castro-PR. In: **Anais do VIII Seminário Estadual de Estudos Territoriais, III Jornada de Pesquisadores sobre Questões Agrárias Paranaenses, XXXI Semana de Geografia da UEL**, Londrina-PR, 2015, p.812-824.

NEVES, Jessica Gislaíne das; SOPKO, Camila; CRUZ, Gilson Campos Ferreira da. MOURA, Reidy Rolim de. A relação campo-cidade: o movimento migratório dos associados da Associação de Recicladores Rei do PET - suas origens e trajetórias. In: **Anais do VII Seminário Estadual de Estudos Territoriais, II Jornada de Pesquisadores sobre a Questão Agrária no Paraná**, UEPG, Ponta Grossa-PR, 2014, p.1-19.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Cultura Solidária em Cooperativas. Projetos coletivos de mudança de vida**. São Paulo: EdUSP, 2006.

ROCHA FILHO, Alnary Nunes; CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. Economia Solidária para qual desenvolvimento territorial?. In: **Anais do I Conpes**, UFSCar: São Carlos-SP, 2015, p.1-10.

SERPA, Angelo. Como prever sem imaginar? O papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico. In.: SERPA, A., org. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações [online]**. Salvador: EDUFBA, 2008. 426 p. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/bk/pdf/serpa-9788523209162-04.pdf>> Acesso em 30 mar 2015.

SILVA, Enio Waldir da. Economia Solidária e Cooperativismo na Região de Ijuí. **Cadernos Unijuí**. Ed. Unijuí - Ijuí, 2014, p.7-14.

SILVA, Marcia Alves Soares da; CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. Economia Solidária e o desafio de uma mudança cultural em Empreendimentos Econômicos Solidários (EES). In: **Anais do I Conpes**, UFSCar: São Carlos-SP, 2015, p.1-10.

TRINDADE, Azoilda Loretto da – **Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar** - in TRINDADE, A . L. e SANTOS, R. (orgs.) – Mil e uma face da Escola – RJ – 2000.

VALADÃO, Adriano da Costa; FEDEL, André de Souza; PEREIRA, Luciane Gomes; CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. A experiência da Rede Solidária de Produtores e Consumidores de Produtos Agroecológicos Emiliano Zapata - Ponta Grossa - PR: aproximando produtores e consumidores. In: **Anais do VII Seminário Estadual de Estudos Territoriais, II Jornada de Pesquisadores sobre a Questão Agrária no Paraná**, UEPG, Ponta Grossa-PR, 2014, p.1-19.